

O Instinto da Casa¹

LAIZ MAFALDA V. VIEIRA

 10.34640/universidademadeira2024vieira



"Sino da capela" (*Este Obscuro Objeto do Desejo*), 60X73 cm

O instinto é algo inato a qualquer ser vivo, a qualquer animal, que o impele a ser o que é. É uma predisposição intemporal e genética que cada um de nós transporta. Complementa-se com a intuição, que implica vivência e aprimoramento dos entendimentos e que nos permite encontrar sensitivamente, emocionalmente, respostas mais ou menos

¹ NOTA DA EDITORA: Este ensaio constitui a versão escrita da intervenção oral de Laiz Mafalda V. Vieira na mesa redonda promovida no Salão Nobre do Palácio de São Lourenço (Funchal), a 29.11.2023, por ocasião do encerramento da exposição de pintura *A Sala da Senhora* de Filipa Venâncio, patente ao público entre julho e novembro de 2023. Para além de Laiz Mafalda V. Vieira, intervieram nesta mesa redonda outros oradores: Carlos Valente, com o título "Da(s) sala(s) pendurada(s) nos quadro(s), e outros adereços..."; Isabel Figueira, com o título "Salas e Corredores, Espaços do Imaginário - Memórias, Enredos e Segredos na Transição entre Interior e Exterior"; e Martinho Mendes, com o título "Espaços interrompidos e arquiteturas ameaçadas: o que pode a Pintura de Filipa Venâncio?". O registo informal adotado no texto de Laiz Vieira respeita o espírito de partilha de testemunhos e de leituras acerca da obra de Filipa Venâncio que caracterizou a mesa redonda.

acertadas, a uma situação ou desafio. É um tipo de inteligência preciosa também no processo criativo e na própria reflexão sobre a pulsão, a motivação de criar. De forma inconsciente, natural, racional, manipulada ou em sistema de jogo, o instinto serve-nos e é servido.

Na categoria dos instintos humanos, das necessidades vitais, às individuais ou sociais, dos prazeres, da inquietação ou sede constante de mundo (que nós, como espécie cultural, tentamos reeducar, valorar, esconder, ajustar ou moralizar, segundo paradigmas, princípios humanistas e éticos), a História escrita comprova-nos que os alicerces que nós tentamos construir nos tornam numa espécie falível, paradoxal, escorregadia e pitoresca. Temos tanto de dramático como de cómico, temos tanto de validamente criativo como de repulsivamente destrutivo e os tempos atuais espelham-no mais do que nunca.

Quando olho para o trabalho da Filipa de forma simplista, o artista que me vem à memória é o dinamarquês Vilhelm Hammershøi. Mas enquanto as pinturas de interiores deste artista são de uma densidade da solidão, da eterna espera, da melancolia e de um refinado romantismo, as pinturas da Filipa não se levam tão a sério, porque nas encenações que nelas encontramos (em que o teatro humano se manifesta e apesar da verosimilhança), o que mais estiliza a natureza humana aí representada é o prosaico, o cómico, a não correspondência, os instintos inconfessados, o que tanto se esconde de pecaminoso para não lesar o que culturalmente se quer erguer. Temos um jogo de *esconde-esconde*. Os objetos não são só objetos. Entra-se no lúdico jogo polissémico dos signos, do tempo e dos vestígios culturais que reconhecemos, tanto como das referências contemporâneas de criação artística selecionadas pela Filipa, na sua escolha recombinação, em que só é possível acrescentar valor ou desconstruir conceitos, abrindo-se compartimentos interiores e arquitetónicos na área da perceção, sem o pudor, o pasmo de rirmos de nós próprios.

No trabalho da Filipa e tal como no movimento artístico da Pop Arte, surgido na década de cinquenta, há uma ligação umbilical entre aquilo que ela cria e a vida mundana, com a vida doméstica, intimista, dos espaços ausentes ou preenchidos de objetos, nem sempre úteis. Temos realidades materiais, identitárias, que caracterizam a cultura de ilhéu, vestígios e traços que reconhecemos serem do nosso percurso cultural no arquipélago da Madeira, mas também temos o diálogo dos mesmos com os fenómenos da cultura global, consumista, popular, ostensiva, mediatizada, marca do nosso tempo.

O lugar recriado pela Filipa, vazio ou habitado, pessoal ou social, é, por contaminação, o prolongamento, a sensorialidade, os ossos e a carne dos seus hóspedes. Sim, porque todos somos sempre hóspedes de um determinado lugar. Uma casa não é só uma habitação, transmuta-se, ganha consistência e expressão com o tempo. Tal como o

nosso corpo com a idade, costumamos dizer que uma casa também range. A casa encarna o corpo orgânico de todos os segredos, dores, espantos e instintos que evoca. Tal como no corpo orgânico há sentidos que se intensificam, no corpo arquitetónico também se manifestam os odores, as acumulações, as brechas, as texturas, a pátina, o paladar da epiderme, dos fluidos que se impregnaram nas superfícies que nos enquadram ou enquadraram.



"Baixela" (*I am love*), 70X70 cm

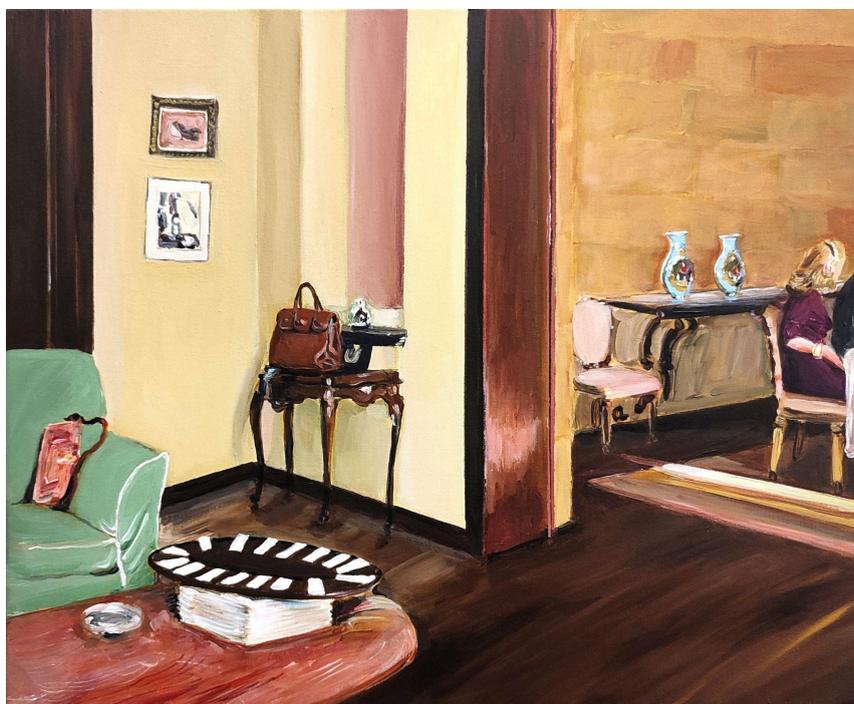
Herberto Helder diz em "Prefácio", publicado em 1961 no livro *A Colher na Boca*, depois revisto e integrado em sucessivas coletâneas de poesia sua:

Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder
tão firme e silencioso como só houve
no tempo mais antigo
[...]
Descobrimos corpos de gente que se protege e sorve, e o silêncio
admirável das fontes –
pensamentos nas pedras de alguma coisa celeste
como fogo.
[...]

Mas casas, architectos, encantadas trocas de carne
doce e obsessiva – tudo isso
está longe da canção que era preciso escrever.

(HELDER, 2014: 9-11)

Nos anos noventa na América, o vendedor ou inquilino de uma casa era obrigado por lei a divulgar se essa casa era assombrada. Nas casas ou estruturas edificadas da Filipa, assombrar, ocultar ou revelar o assombro são um potencial consciente da artista: o potencial de os espaços encenados serem também eles próprios os esconderijos das diferentes manifestações do instinto humano, designadamente no que respeita aos prazeres. Da arte e comunicação dos afetos, ao reduto da intimidade e satisfação dos desejos da carne e do espírito, tudo o que possa ser sublimado ou consumado passa-se privilegiadamente no reduto da habitação. É nos diferentes compartimentos da casa que ritualisticamente se presenteia o corpo com os banquetes sensitivos. Com os móveis, as mesas, as poltronas, as penteadeiras, as escrivaninhas, os aparadores, os serviços de louça, a iluminação... tudo o que possa ser reconfigurado em delírio ou exaltação, em fruição ou falta, em convenção ou transgressão, em maturação ou subversão.

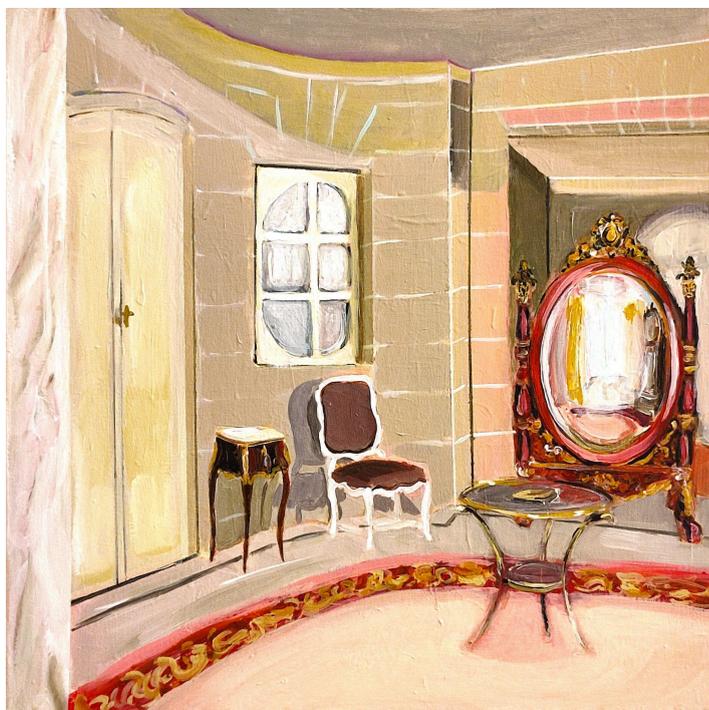


“Indicador de lugar”
(*I am love*), 50X60 cm



"Escritório" (*Este Obscuro Objeto do Desejo*), 60X80 cm

Em *A Sala da Senhora*, Filipa, na sua incessante procura pela fruição artística, escolhe no repertório cinematográfico, nos filmes de Buñuel, Guadagnino e Hitchcock, a guarnição dos espaços representados, para, num processo de metalinguagem e em diálogo com os décors do Palácio de São Lourenço, dos seus revestimentos, espelhos, veludos ou porcelanas, esses espaços serem originais catalisadores não só de novas composições plásticas, estéticas, mas também transgressoras, irónicas, satíricas composições de sentido. Aliás, no que respeita aos espaços do Palácio de São Lourenço escolhidos pela artista nas suas pinturas, os mesmos ambientes ganham corpo, pele, calor, densidade, espírito e alma. Consequentemente, os compartimentos desta fortificação do século XV escolhidos para expor as pinturas da Filipa ganham, sem qualquer dúvida, acrescida dimensão e questionamento.



"Hall" (*Este Obscuro Objeto do Desejo*), 60X60 cm



"Sala do Torreão", 60X60 cm

O que o instinto da Filipa narra ou materializa, numa espécie de fotograma pincelado, é o que nos pode mostrar em destaque, com uma cortina baça em macerado pigmento, ou na evocação do que sai fora do emolduramento, em sublimação, em tensão. Fecha-se o foco do olhar para ampliar o espaço do que já foi feito ou dito e não foi guardado, do que foi consumado e foi ocultado, do potencial de manifestação ou do que nunca irá ocorrer. A Filipa veste-nos, veste as suas personagens a rigor, ostenta-as com cor, *glamour*, adereços e gestos formais, numa dança de enganos. As personagens convencionalmente representariam um papel definido, porém, na pintura de Filipa Venâncio deixam escapar o medo da carne, os desvios do desejo, a comunicação desvirtuada, a autoafirmação e submissão, a insatisfação, a solidão dos brilhos ou do que nunca o corpo encontrou com os cinco sentidos. Ao contrário dos tempos bíblicos, em que as portas eram pintadas de vermelho para afastar o anjo da morte, na pintura da Filipa não se receia pintar de possibilidades as portas que revelam e ocultam o mais de intrínseco que a verdade humana denuncia.

Referências bibliográficas:

HELDER, Herberto (2014), *Poemas completos*, Porto: Porto Editora.

Nota da Editora: As 6 imagens apresentadas correspondem a uma seleção das 20 pinturas a acrílico sobre tela, datadas de 2023, que fizeram parte da exposição *A Sala da Senhora* de Filipa Venâncio, que esteve patente no Palácio de São Lourenço, em 2023. Na legenda das imagens, entre parêntesis, a seguir ao título das pinturas, surge o nome dos filmes alvo de apropriação, nos casos em que é utilizada esta estratégia. De referir ainda que esta mostra foi apresentada (de fevereiro a junho) de 2024 na Quinta Magnólia Centro Cultural, (salas 1 e 2 do piso 0) passando a intitular-se *A Sala da Senhora - Take 2*, constituindo-se, como uma variante expositiva, pela integração das pinturas pensadas para dialogar com os objetos do Palácio de São Lourenço, agora num espaço despojado de objetos. Nesta segunda exibição, as múltiplas referências ao espaço cénico dos salões do palácio e aos *sets* do cinema escolhidos, assim como os múltiplos trânsitos entre ambos os universos, operadas no artifício da pintura, foram acompanhadas pela projeção de excertos dos filmes que acompanham a apropriação pictórica.

Laiz Vieira - nasceu na Venezuela em 1971, devido à emigração dos pais gauleses, i.e., da pequena localidade de Gaula, situada no concelho de Santa Cruz, na Madeira. De retorno à Ilha na infância, viveu muitos anos na cidade de Machico, onde as principais revelações se fizeram. Tirou o curso de Artes Plásticas-Pintura, no antigo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, situado na Rua da Carreira, onde participou em várias exposições coletivas. Tem participado em vários projetos cívicos e culturais. Lecionou em várias escolas da Madeira desde 1990.